

**TEATRO, GÊNERO E SEXUALIDADE: REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DE
HISTÓRIAS DE VIDA DE ARTISTAS LGBTQ+.**Paulo Victor Neto de Jesus¹ - UNIVASF / UNEBSimpósio: S1.T: Teatro e Artes da Cena: práticas artísticas e educativas no
Semiárido Brasileiro

RESUMO: O presente estudo faz parte de uma pesquisa de natureza qualitativa, que encontra-se em andamento no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco; essa reflexão que aqui se faz é justamente no processo de se buscar e discutir o recurso metodológico das histórias de vida. Tem como intenção a fruição intelectual sobre as histórias de vida de artistas LGBTQ+ sertanejos, com foco neste momento pela construção de uma Bibliografia crítica em Teatro, Gênero e Sexualidade. Afim de, perceber como se dão as práticas de sertanejos e sertanejas que usam do teatro como ferramenta de afirmação sexual e de gênero, reconhecendo o Teatro e as histórias de vida como campo conceitual, e epistemológico, de pesquisa.

PALAVRAS - CHAVE:

Trajetória; Metodologia; Artes Cênicas; Gênero e Sexualidade; (in)Visibilidade.

INTRODUÇÃO: A história formal, dentro de seus métodos e paradigmas, não depreende as trajetórias quotidianas, ignorando e invisibilizando diversos atores sociais. Neste sentido, muitas práticas acabam sendo negadas, como as relações de Teatro, Gênero e Sexualidade, como é o nosso caso específico. O direito de afirmação, representatividade e identidade. As populações LGBTQ+ estão nesse espectro, em que uma sociedade, resultado de um Brasil colonizado e rural, paternalista, machista, *falocentrico* e heteronormativo, refletindo diretamente nas populações sertanejas, tendo muitos que por identidade de gênero destoante dessa lógica, são excluídos os seus direitos fundamentais, como a saúde, a educação a cultura e os serviços sociais, passando por diversos processos discriminatórios, ficando a margem da sociedade na exposição às ruas e sujeitos as mais variadas formas de violência, crimes de ódio e o assassinato (sendo o Brasil o país que mais mata LGBTQ+ no mundo em registros do Grupo Gay da Bahia). Contudo, poder

¹. Pedagogo, Formação Pedagógica em Artes Visuais (em andamento UNIVASF), Pós-graduação *Lato Sensu* em História Educação e Sociedade (em andamento UNEB), Pós Graduação *Strictu sensu* em Extensão Rural (em andamento, PPGExR - UNIVASF), professor da educação básica no Município de Umburanas Bahia, Professor Auxiliar do Colegiado de Geografia - UNIVASF. E-mail: pvpedagogo@live.com.



mostrar a trajetória de Artistas LGBTQ+ podemos contribuir para um processo de afirmação e mudança de realidade trazendo os invisíveis para a visibilidade, como também a divulgação científica acerca das Artes Cênicas e as questões de Gênero e Identidade.

DESENVOLVIMENTO: Poder analisar histórias sertanejas em gênero e sexualidade vai de encontro com uma lógica machista construída no semiárido sobre relações de poder a partir das questões de gênero de uma cultura “falocentrica”, paternalista e coronelista. Essas relações são muito bem discutidas por Butler (2003) no sentido da discussão de gênero identidades, seus estudos mostra as possibilidades de se discutir esta temática e traz uma importante abstração para os desdobramentos na atualidade. Haja visto, que ao se debruçar na história de vida de outra pessoa também analisamos o comportamento social do indivíduo e sua relação com a sociedade ao qual está inserido, seu tempo e suas formas de lidar com os fatores externos, os grupos sociais, os conflitos, os significados...

O teatro assim como as pessoas de identidade LGBTQ+ sempre foram estereotipados, marginalizados, e de maneira especial no recorte no Semiárido Brasileiro (que é a área geográfica que nos interessa nesse momento), região que se configura basicamente rural em diversos aspectos, seja na formação social, economia e, muitos estigmas ainda sobrevivem até hoje quanto as questões de gênero a imortalização do “Sertanejo cabra da peste”, e toda uma construção social ranço do coronelismo tradicional o qual foi bastante responsável pelo povoamento da região e tanto auxiliou para a construção dos estereótipos, os principais sendo da submissão da mulher como subserviente do “pai de família/chefe de família” e com isso a não aceitação do “feminino”, “afeminado” em homens biologicamente falando (Cysgeneros) e mulheres trans pior ainda, pois, para este modelo de sociedade, é muito “desaforo” nascer homem, o que manda, o líder, o chefe e querer a subserviência feminina, com isso muitos expulsos de casa, assassinados, violentados.

E, no Brasil, pelo menos, (“o machismo”) pode estar enraizado ainda no complexo sistema cultural e social que foi gradualmente formado em torno de um modo concreto de produção – a economia rural de *plantation* que dominou a vida brasileira durante quase quatro séculos, [...]. a herança deste sistema tradicional ainda exerce uma profunda influência no fluxo da vida diária [...] (PARKER: 2002. p.54).

Esse Brasil rural reflete suas peculiaridades haja visto que “O rural não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade, ao contrário, esta é uma categoria histórica, que se transforma”, (WANDERLEY; 2009.p.204.), e por que se transforma de acordo com cada realidade os aspectos do machismo se engendram nessas construções e nessas ruralidades, pois a formação brasileira desde as capitanias hereditárias seguem padrões paternalistas o que fortalece esse estigma machista discutido por Parker (2002).

Isto posto, podemos refletir que esse processo ainda está diretamente ligado as construções sociais sobretudo as relações de gênero e sexualidade e para alguém com identidade gênero destoante de seu sexo biológico é algo corriqueiro sofrer processos estigmatizantes preconceituosos e assim interferir em vossas vidas reduzindo-as a sua sexualidade, e, não como pessoa em sua plenitude, mas como o invertido, defeituoso, doente, errado e assim excluído; negado políticas públicas inviabilização dos direitos básicos pois a exclusão social é um efeito avalanche vai derrubando tudo que vem por sua frente, e em muitos casos entregues a única opção *fullgás* de sobrevivência a prostituição, a *cafetinagem* e todos os perigos da exposição à rua, e a marginalização. Colling (2011), discute que ao afirmar as identidades não heteronormativas estamos afirmando um empoderamento dessas identidades e com isso fortalecendo as populações LGBTQ+.

Isso Porque, somos iguais em alguns aspectos(...) mas somos diferentes em milhares de outros. Aí está uma das principais razões da reivindicação por direitos específicos, que contemplem as particularidades de cada subgrupo. Ou seja determinadas pessoas percebem que precisam de políticas especiais porque as suas realidades e identidades não são exatamente iguais as demais. (COLLING, 2013.p.408.).

Neste sentido, buscando uma maneira de se refletir as diferenças e igualdades de aspectos, vemos a especificidade de fruição teórica e epistemológica sobre as histórias de vida desses atores sociais seus fazeres e suas praticas buscando compreender os processos de afirmação identitária e empoderamento buscando uma metodologia que possa dar subsídios científicos a estes estudos e a que é proposta é a das histórias de vida; as quais apresento a seguir algumas fontes escritas que podem servir de análise e embasamento:

Gaston Pineau, 2006. Quando expressa em sua obra a importância das escrituras de histórias de vida no campo educacional, sua metodologia e caráter científico dentro da abordagem biográfica. **Helmut Galle, 2003.** Que trouxe considerações primordiais sobre o campo da história de vida dentro da historiografia, principalmente acerca dos significados que foram tomados em seu percurso, sobre escrita e as práticas na abordagem biográfica. **Marie-Christine Josso, 1999.** A experiência de vida e formação, tem em sua obra um dos pontos mais expressivos, em suas pesquisas ela consegue extrair conceitos, construções e reflexões sobre as histórias de vida e formação, no tocante da historiografia, da hermenêutica.

CONCLUSÃO: Essa é uma pequena amostragem do que foi analisado até o presente momento de fontes que justificam as histórias de vida como campo conceitual de pesquisas historiográficas. Isto posto não fecho aqui as possibilidades, as que são mais vastas do que possamos imaginar porém as trago para ser de conhecimento do que tem se dito. Haja visto este estudo fazer parte da pesquisa que esta em andamento no PPGExR da UNIVASF, outras possibilidades podem aparecer contudo no momento afirmo essa como eficaz ao que se propõe ser.

Portanto, acredito que a sugestão é válida para a pesquisa em Teatro, gênero e sexualidade pois a mesma consegue dar conta de trazer a visibilidade esses artistas que tem em sua trajetória as mascas do ranço do coronelismo no

semiárido brasileiro. “A afirmação é resultado de um processo de reconhecimento de si e fortalecimento das mais diversas e variadas formas de ser sobre o chão deste planeta!” (JESUS;2018 p.86) Sendo assim, poder mostrar a trajetória de Artistas LGBTQ+ podemos contribuir para um processo de afirmação e mudança de realidade trazendo os invisíveis para a visibilidade, como também uma proposta metodológica e a divulgação científica acerca das Artes Cênicas e as questões de Gênero e Identidade.

REFERÊNCIAS.

BUTLER, Judith., **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**; trad. Renato Aguiar. – RJ, Civilização Brasileira. 2003.

COLLING, Leandro. (Org.), **Stonewall 40+ o que no Brasil?** – Salvador: EDUFBA. 2011.

Id. **A Igualdade não faz o meu Gênero – em defesa das políticas das diferenças para o respeito à Diversidade sexual e de Gênero no Brasil** – in: Revista Contemporânea. V.3,n.2, p 405-427, Jul-Dez. de 2013

GALLE, Helmut., **Elementos para a nova abordagem da escritura autobiográfica.**, in MATRAGA: Revista do Programa de pós graduação em Letras / Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, ano 13, n.18, jan – jun. 2006.

JESUS, Paulo Victor neto de., **“Era Uma Menina Presa No Corpo De Um Menino...” - Teatro, Gênero E Sexualidade: A Tra(Ns)Jetória De Formação Identitária E Artística De Caco Muricy** in: RIOS, Pedro Paulo Souza., MENDES, Alane Martins., (Org) **Educação, Gênero e Diversidade Sexual: Fabricação das Diferenças no Espaço Escolar** – Curitiba: CRV, 2018. 204p.

JOSSO, Marie-Christine. **História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos.** *Educ. Pesqui.* [online]. 1999, vol.25, n.2, pp.11-23. ISSN 1517-9702.

Id. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras.** *Educ. Pesqui.* [online]. 2006, vol.32, n.2, pp.373-383. ISSN 1517-9702.

WANDERLEY, M. N. B. **O Mundo Rural como um Espaço de Vida.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PARKER, Richard G. **Abaixo do Equador: Culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil.** - Trad. Rita Vinagre. Rio de Janeiro Record 2002.